

Dossiê: Educação e tecnologias no contexto da pandemia pelo coronavírus e isolamento social: cenários, impactos e perspectivas

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

"The view of education degree students at the Federal University of Bahia on distance education and teaching in the context of the pandemic by COVID - 19"

Cristina D'ávila
Roberto Machado
Daniela Radel

Universidade Federal da Bahia - UFBA
Salvador-Brasil

Resumo

A pesquisa em tela tem por objetivo apresentar um diagnóstico da situação dos alunos do componente Didática em cursos de licenciatura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em termos do acesso e uso de recursos tecnológicos digitais no contexto da atual pandemia pelo Covid-19. Optou-se por uma pesquisa exploratória do tipo misto, combinando dados quantitativos e qualitativos. Utilizou-se, como instrumento de coleta de dados, questionário contendo questões objetivas e, também, questões abertas. Participaram da pesquisa 257 estudantes no total, e neste artigo serão apresentados como amostra dados relativos a 120 estudantes. Os principais resultados trazem dados reveladores quanto a: a) condições materiais de acesso às tecnologias digitais, uso dos equipamentos tecnológicos e atividades online; b) opinião dos estudantes sobre EaD no período da pandemia e sugestões didático-pedagógicas; c) conflitos subjacentes à EaD durante a pandemia.

Palavras-chave: Didática; pandemia; educação a distância.

Abstract

The main objective of the online research is to present a diagnosis of some Universidade Federal da Bahia learners (who have enrolled in the subject Didactics in order to become future teachers) considering their availability and usage of digital technology within the present Covid-19 pandemic. A mixed exploratory research has been selected employing quantitative and qualitative data. As a means to collect data, a questionnaire with objective and open questions was used. A total of 257 students took part in the research, but only data related to 120 students are presented in this paper. The main results bring forth the 120 learners' reactions in terms of making use of online activities: a) material conditions to access digital technologies, employment of technological equipment and online activities; b) students' opinions concerning online learning and teaching during Covid-19 pandemic and didactics-pedagogical suggestions; c) online underlying conflicts during Covid-19 pandemic.

Key words: Didactics; pandemic; online education.

Introdução

A pandemia causada pelo vírus Covid-19, mais conhecido como corona vírus, atingiu a população em escala mundial. Hoje são mais de três milhões de pessoas infectadas. O Brasil não passou incólume. Com mais de 400.000 casos e quase 30.000 óbitos, vive-se um cenário alarmante. A tragédia atinge a todos independente de classe social, mas é vivenciada pela maioria da população pobre de maneira muito mais trágica, a julgar pelo número de óbitos e índice crescente de contágio publicados diariamente nos principais veículos de comunicação. Além disso, a pandemia aprofunda crises políticas e econômicas em todo o planeta. Nos países mais pobres, a crise econômica gera emergências e de calamidade. Medidas pífias foram tomadas pelo governo brasileiro e não conseguem conter nem a propagação do vírus nem a derrocada da economia.

No plano educacional, dados da Organização das Nações Unidas (ONU)¹ apontam que 9 em cada 10 estudantes estão fora da escola. No Brasil, reproduz-se o mesmo cenário – quase 100% da população estudantil está sem aulas presenciais, já que o contato físico passou a ser um meio de contágio da doença e ameaça letal.

As redes de ensino se organizam para responder aos novos desafios e a educação a distância (EaD) passa a ser uma possível saída (as atividades de ensino devem ser realizadas de forma remota, respeitando as recomendações sanitárias da Organização Mundial de Saúde (OMS) de distanciamento social), mesmo com limitações. Especialistas refletem e discutem intensamente sobre as melhores soluções para utilização dos recursos digitais a fim de viabilizar estratégias de ensino remotas, mas há limitações que precisam também ser vencidas: como fica a integração e a socialização das crianças? as aprendizagens se processam da mesma maneira? o ensino com mediação remota é eficaz? como regular a questão do tempo pedagógico para os estudos? e as condições materiais para acessibilidade às tecnologias digitais? o não acesso à internet por parte da comunidade discente endossa a desigualdade social tão presente na sociedade brasileira? de que forma viabilizar a educação online sem excluir os estudantes que não têm acesso aos meios digitais nessa situação de distanciamento social?

A questão das condições materiais dos alunos em diferentes segmentos de ensino reflete a abissal desigualdade social no Brasil. Um país com classes sociais tão distantes em

que menos de 10% acumula praticamente 70% do PIB (Produto Interno Bruto) nacional, deixa à margem a maioria da população. Em pesquisa recente divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a distribuição de renda no Brasil continua absurda. Os 10% mais ricos chegam a receber 17,6 vezes mais que os mais pobresⁱ.

Dados do WID (World Inequality Database), obtidos em pesquisas domiciliares mais as contas nacionais e declarações no imposto de renda, informam que "o 1% super-rico (cerca de 1,4 milhão de adultos) captura 28,3% dos rendimentos brutos totais e recebe individualmente, em média, R\$ 106,3 mil por mês pelo conjunto de todas as suas rendas"ⁱⁱ. Para os 50% mais pobres (71,2 milhões de pessoas), restam 13,9% do conjunto de todos os rendimentos – menos da metade do que é recebido pelo 1% situado no topo da pirâmide. Portanto, a disponibilização de recursos tecnológicos não é igual para os diferentes perfis socioeconômicos.

A desigualdade social impacta diretamente a questão do acesso à educação de qualidade e, também, o acesso às tecnologias digitais, hoje, fundamentais para a educação e desenvolvimento social. Assim, enquanto o governo brasileiro praticamente obriga as escolas à adesão ao ensino remoto, com estratégias remotas, não se lhes oferece as condições mínimas necessárias, nem de formação pedagógica para professores quanto ao uso das interfaces digitais, nem quanto ao acesso às tecnologias dos estudantes de famílias de baixa renda que constituem a maioria dos que estão na escola pública.

A população universitária da rede pública federal, pela pesquisa que realizamos em cursos de licenciatura, apresenta uma realidade um pouco mais amena. Mas, mesmo assim, alarmante. A grande maioria provém de famílias que recebem de 1,5 a 3 salários-mínimos! O artefato tecnológico a que tem acesso são os *smartphones* e a internet é do tipo *Wifi* compartilhado, cuja qualidade é insuficiente. O Brasil é o quinto país com maior número de internautas, com quase 82 milhões de usuários. Porém, uma pesquisa realizada pela Proteste – Associação de Consumidores (2020)ⁱⁱⁱ revela que os brasileiros sofrem com a baixa qualidade dos provedores de internet.

Como, diante do quadro apresentado, pensar estratégias de ensino *online* que mitiguem o vácuo que se formou no período pandêmico?

É necessário planejamento e estruturação dos processos educacional e pedagógico para que as atividades remotas possam cumprir seu papel e potencializar aprendizagens

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

significativas. Para além da interação, a interatividade se faz fundamental, assim como a mediação do(a) professor(a). Não basta distribuir pacotes de tarefas, avaliar e devolver como nos cursos tradicionais, é necessário lançar mão de propostas didáticas que acenem para a interatividade e plasticidade pretendidas.

Este trabalho de pesquisa traz como objetivos: refletir analiticamente sobre o perfil dos alunos de licenciatura, dentro do componente de didática, em termos do acesso às tecnologias digitais e condições materiais para atuação em atividades de ensino na modalidade remota; identificar suas principais dificuldades e potencialidades quanto ao uso das tecnologias digitais, nesta modalidade de ensino; inventariar suas principais críticas e sugestões do ponto de vista metodológico na atuação do ensino a distância.

Esta pesquisa exploratória foi realizada com 257 estudantes. Neste artigo, trabalharemos com a amostra de 120 estudantes de licenciatura, cursando a disciplina Didática (Didática; Didática e Práxis Pedagógica 1 e Didática e Práxis Pedagógica 2) da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Está alicerçada em paradigma interpretativista e se operacionaliza mediante metodologia mista, combinando dados quantitativos e qualitativos de pesquisa. Os dados foram produzidos através da aplicação de questionário online, mesclando-se perguntas fechadas e abertas, interpretados através da técnica de análise temática com categorias elencadas a priori. Utilizou-se como veículo de comunicação com os alunos e recebimento dos questionários, o *e-mail*, *whatsapp* e plataforma *Moodle*.

No desenvolvimento do artigo, faremos uma breve reflexão teórica sobre os conceitos de educação a distância, ensino remoto, educação online e mediação didática. Abordaremos a questão metodológica, em seguida, a análise dos dados e discussão dos resultados da pesquisa.

Didática, educação à distância e o ensino remoto diante de um cenário pandêmico

A estreita relação entre educação e sociedade, no decorrer da história, vem mostrando que fatos sociais, políticos e econômicos impactam de forma significativa nas tendências pedagógicas, evidenciando que a prática pedagógica ora prioriza a figura do professor, ora a do aluno, ou ainda os aspectos metodológicos nesse processo. Com a revolução tecnológica do final do século XX, tem se manifestado, nas práticas pedagógicas

de todos os segmentos de ensino, uma maior preocupação com a formação de um sujeito mais proativo e consciente de sua condição humana face às necessidades emergentes no contexto globalizado.

No entanto, Charlot (2018), durante comunicação no XIX ENDIPE em Salvador, apontou que, apesar das mudanças nas perspectivas científica e tecnológica, o ato de ensinar se apresenta ainda muito alicerçado por pedagogias tradicionais, principalmente referente ao uso do tempo e do espaço, bem como no tocante aos processos avaliativos.

Atualmente, estamos vivendo um fato bastante significativo na área sanitária - a pandemia do Covid19 – obrigando a nos isolarmos socialmente. Essa situação vem impondo às mais diferentes instâncias a busca por ações apropriadas para agir nessa situação.

Nessa contradição do isolar/agir, obviamente, situam-se as instituições de ensino superior - IES, oportunizando, assim, que o tema do ensino a distância passe a frequentar, com mais vigor, as discussões que envolvem dirigentes, professores e demais profissionais da educação, com o objetivo de buscar alternativas para agir no isolamento.

O Ensino a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino antiga. No Brasil, na década de 1920, o Brasil já contava com os primeiros cursos transmitidos pelas ondas do rádio, a novidade tecnológica da época. Nas décadas de 1960 e 1970 surgem várias iniciativas de EaD em projetos para ampliar o acesso à educação, promover o letramento e a inclusão social de adultos. Com o passar do tempo, os cursos agregaram outros níveis de ensino, como o fundamental completo. E no final da década de 1970 começou em Brasília a primeira experiência de EaD nos cursos superiores. Nesse período, muitos brasileiros já acompanhavam os telecursos, transmitidos pela TV. Esse modelo de EaD em massa convivia com os formatos antigos, a exemplo do material impresso e o rádio, característica que se mantém até a década de 1990. Em meados da década, as instituições passam a utilizar a internet para publicar conteúdos e promover interações.

As diferentes tecnologias utilizadas para a viabilização da EaD (material impresso, rádio e televisão), nos anos 1980/1990, foram revolucionadas pelo surgimento da internet (conjunto de redes de computadores interligadas pelo mundo inteiro de forma integrada, viabilizando a conectividade) e das Tecnologias Digitais, da Informação e Comunicação, que ampliou a oferta dessa modalidade de ensino, através de plataformas criadas com este fim específico. Surge, então, a educação online que, segundo Santos (2009), “é o conjunto de

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediado por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais”.

Ainda de acordo com Santos (2009), as tecnologias digitais mais utilizadas nas atuais práticas de educação online são os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), as teleconferências e as videoconferências. Os ambientes virtuais de aprendizagem envolvem não só um conjunto de interfaces para socialização de informação, de conteúdos de ensino e aprendizagem, mas também, e, sobretudo, as interfaces de comunicação assíncronas (permitem a comunicação em tempos diferentes, a exemplo de: fóruns, listas de discussão, blogs e wikis etc.) e síncronas (contemplam a comunicação em tempo real, a exemplo de: chats, webconferências, entre outras.)

Nas interfaces síncronas e assíncronas conteúdo e comunicação são elementos imbricados. Não podemos conceber os conteúdos apenas como informações para estudo ou material didático construído previamente ou ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Ademais, não podemos negar que conteúdos são gerados a partir do momento que os interlocutores produzem sentidos e significados via interfaces síncronas e assíncronas. (SANTOS, 2009, p. 5664).

Nessa perspectiva, a interatividade adquire um status ímpar, posto que esses ambientes virtuais de aprendizagem podem ser produzidos em coautoria, entre professor(a) e estudantes e entre estes, ou seja, entre os pares para além das convencionais relações espaço-temporais do ensino presencial.

Contudo, segundo Silva,

o crescimento exuberante da oferta pública e privada (da EAD) raramente veio acompanhada da qualidade capaz de assegurar credibilidade para a modalidade, que se apresenta, aos olhos de muitos, particularmente aos dos profissionais de sala de aula, como educação de segunda categoria (SILVA, 2012, p.96).

Não obstante a resistência a essa modalidade de ensino, é fato que as abordagens de ensino presenciais, muitas vezes, não se descolam de um formato transmissivo, em que o(a) professor(a) assume posição ativa e o estudante, passiva. O primeiro transmite o conhecimento, o segundo o assimila. Portanto, seja o ensino presencial, seja o ensino a distância muito se assemelham quando a interatividade é excluída dos processos de ensino e de aprendizagem.

O uso de estratégias didáticas problematizadoras coloca o(a) aluno(a) numa posição de partícipe ativo do seu processo de aprendizagem, tanto no ensino presencial, como também no ensino pensado a distância. O ensino presencial não é garantia de troca e maior

interatividade entre seus participantes, assim como não garante a horizontalização entre eles e a promoção do diálogo, da mesma forma que a EaD. O que garante a ruptura deste modelo transmissivo é a concepção didático-pedagógica que norteia a prática do professor.

O ensino à distância, sobretudo, em meio à pandemia, especificamente, o ensino remoto (modalidade de EaD que transpõe para o formato digital, em tempo real, o ensino presencial), têm desafiado os docentes e também os estudantes, principalmente os estudantes adultos, a reinventarem o ensino e a si mesmos. A mediação didática, neste contexto, precisa ser pensada de forma a instaurar um diálogo entre os estudantes e o conhecimento, através do uso das tecnologias digitais, da informação e comunicação, utilizadas a favor da aprendizagem, superando, conseqüentemente, um formato transmissivo e adquirindo um caráter flexível, sensível, lúdico e problematizador.

Metodologia da pesquisa

A pesquisa em tela ancora-se na abordagem qualitativa e no paradigma interpretativista a fim de se compreender das informações de natureza intersubjetiva produzidas pelos partícipes. A pesquisa do tipo exploratória partiu de um levantamento de opinião junto a 120 alunos do componente didática, oriundos do 5º ao 9º semestres e de diferentes cursos de licenciatura: Pedagogia, Biologia, História, Ciências Sociais, Letras, Física, Matemática, Química, Ciências Naturais, Computação, Desenho e Plástica, Dança e Música.

O protocolo da pesquisa foi iniciado com o envio de vídeo sobre o assunto em pauta a fim de sensibilizar os estudantes para participação na pesquisa. Em seguida, os autores deste artigo enviaram os questionários a quinze turmas dos componentes Didática, Didática e Práxis Pedagógica 1 e Didática e Práxis Pedagógica 2, totalizando 257 estudantes (120, para esta amostra). O questionário constou de algumas questões adaptadas do formulário elaborado pela SEAD/UFBA^{iv} para as disciplinas citadas e se constituiu de 17 questões fechadas e duas questões abertas. O envio para os respondentes se deu por via *e-mail* com *hiperlink* para o formulário disponível na plataforma *Google Forms*. Os estudantes tiveram em média uma semana para responderem ao questionário que em seguida foi analisado pelos docentes.

Os dados produzidos foram tabulados mediante planilha eletrônica do programa *Excel Windows*. Utilizou-se a técnica de análise temática com categorias elaboradas *a priori*:

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

a) condições materiais de acesso às tecnologias digitais, uso dos equipamentos tecnológicos e atividades online; b) opinião dos estudantes sobre EaD no período da pandemia e sugestões didático-pedagógicas; c) conflitos subjacentes ao EaD durante a pandemia.

Resultados da pesquisa

À luz da sondagem realizada no seio da disciplina Didática, passamos a analisar o acesso dos alunos às tecnologias digitais e suas representações quanto às dificuldades e potencialidades do ensino a distância nesse atual momento de isolamento social.

Utilizamos, nesta fase, a técnica de análise temática, segundo a qual as categorias emergem dos recortes temáticos que se faz da compilação dos dados (as unidades de significação). Procedemos à categorização por classificação de elementos constitutivos de um conjunto, utilizando o critério semântico, originando assim as categorias temáticas.

Neste tópico, apresentaremos os resultados da pesquisa a partir de tais categorias, sendo a primeira referente às **condições materiais de acesso às tecnologias digitais, uso dos equipamentos tecnológicos e atividades online.**

Verificamos que dos 120 estudantes respondentes, 70,5% são do gênero feminino, 27,5% masculino e os demais se declararam não binário (2%). São estudantes provindos de doze cursos de licenciatura (Pedagogia, Biologia, História, Letras, Física, Matemática, Química, Ciências Naturais, Geografia, Computação, Dança, Desenho e Plástica e Música). Em maioria (45,5%), declararam-se da cor parda, 29,5% pretos e 20,5% brancos.

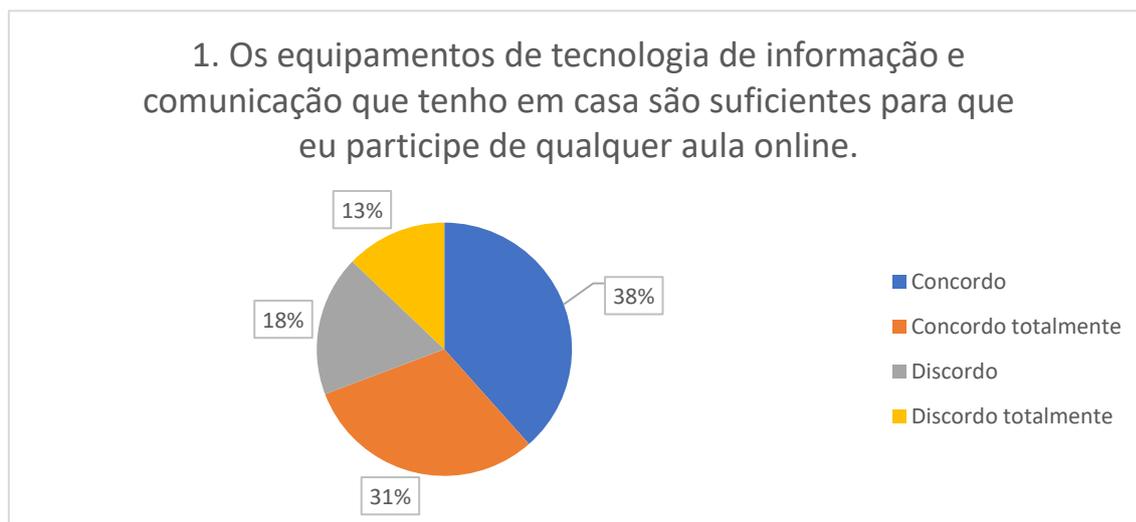
Quanto ao perfil socioeconômico dos estudantes, 81,5% moram com a família. Os demais são casados ou vivem sozinhos ou com amigos (19,5%). 86,4% não possuem filhos. 56,8% não trabalha, contra 22,7% que trabalham de 1 a 4 horas por dia. Os demais, de 6 a 8 horas por dia (um pouco mais de 20%). A renda familiar nos chamou muito a atenção: 45,5% percebem até 1,5 salário-mínimo e 34,1% de 1,5 a 3 salários-mínimos - quase 80%! O que significa dizer que nossos alunos de licenciatura provêm das camadas desfavorecidas da população. O restante, 20%, afirma receber uma renda de 4,5 a 6 salários-mínimos.

Essa questão nos fornece uma ideia das dificuldades dos alunos, sobretudo, quanto ao acesso a equipamentos tecnológicos e condições materiais mínimas para seu desenvolvimento nos cursos de graduação, principalmente, neste contexto histórico, em que as exigências pela EaD online se fazem sentir com muita veemência. Cabe o

questionamento sobre a eficácia do ensino remoto com um público com este grau de dificuldades e condições materiais inadequadas de acesso às tecnologias digitais.

Diante da questão sobre a adequação dos equipamentos tecnológicos disponíveis e condições para o estudo, os alunos se pronunciaram como se vê nos quadros a seguir:

Quadro 01. Equipamentos tecnológicos



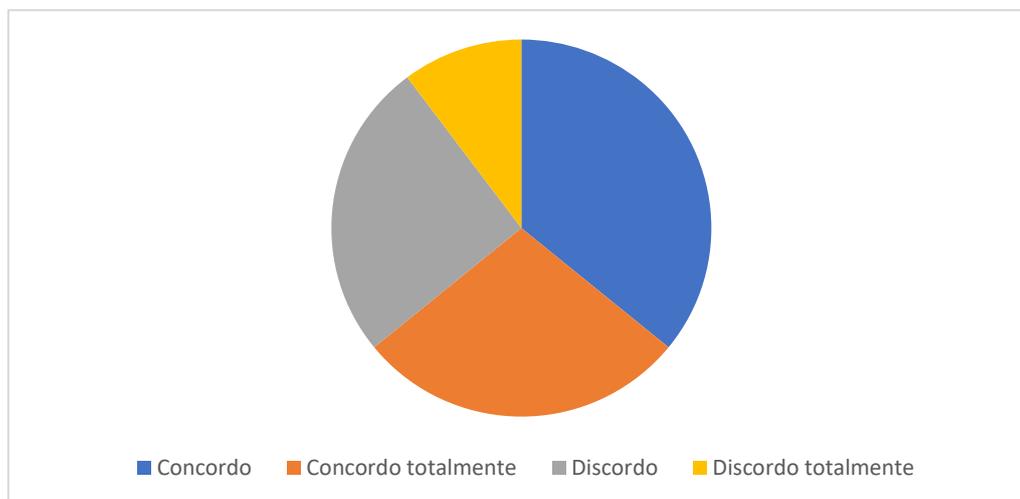
Fonte: Autores, 2020.

Verifica-se que 69% consideram seus equipamentos suficientes para a participação em aulas online. Contudo, 31% afirmaram sua inviabilidade.

Quanto aos equipamentos que possuem, os estudantes responderam possuir notadamente o smartphone (81%), notebook (63,6%) e computador de mesa (25%).

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

Quadro 02: Ambiente e condições de estudo



Fonte: Autores, 2020

64% deles afirmam ter um ambiente que reúne as condições necessárias para se concentrar ao participar de aulas online, contra 36% que afirmam não ter um ambiente adequado, o que se revela uma quantidade menor comparativamente, entretanto, significativa de estudantes.

Em relação às condições para o estudo e atividades online, quanto ao tempo dedicado aos estudos, temos que 52% declaram a disponibilidade de 2 a 4 horas por dia, e 30% que declaram ser possível dedicar uma hora de estudo por dia.

Quanto ao grau de importância para realizar atividades online durante a pandemia e o período de quarentena, os alunos se pronunciaram: entre razoavelmente importante (38,6%), importante (18%), muito importante (20%), totalizaram 76,6%. Os demais consideraram pouco ou nada importante (23,4%).

Uma grande maioria (72%) posiciona-se a favor ao ensino a distância caso todos os alunos possam ser incluídos nesta modalidade de ensino, ou seja, mostram-se solidários com os colegas, especificamente, com os excluídos digitais, e demonstram, claramente, seu posicionamento político.

63,6% dos estudantes reforçam a ideia de serem favoráveis à utilização da educação online, enquanto que 36% alegam dificuldades em realizar atividades a distância e cumprir

prazos. Das principais dificuldades alegadas pelos estudantes em participar de atividades de ensino a distância, 63,6% declararam a necessidade de apoio interativo dos docentes.

Ou seja, são contrários às aulas e tarefas na perspectiva transmissional. Há que haver muita interação no ambiente online. 29,5% queixam-se de equipamentos inadequados, 27,5% de acesso à Internet e 25% declaram faltar conhecimento sobre como usar as plataformas digitais.

Quanto à segunda categoria, **opinião dos estudantes sobre EAD no período da pandemia e sugestões didático-pedagógicas** (questões abertas), dos 120 sujeitos da pesquisa, 62 declararam ser importante ou necessária a EaD neste período, mas com algumas ressalvas que recuperaremos mais adiante, contra 58 que se declararam desfavoráveis à ideia.

Os motivos enunciados a favor da EAD foram assim ordenados: "é importante, mas pode não ser acessível a todos"; "importante para não interromper os estudos"; "nesse momento, é a única opção para que a gente não atrase o curso"; "necessário, mas sem cobrar avaliação"; "importante, mas entre todas as disciplinas"; "importante, mas não pode ser improvisado".

Das opiniões desfavoráveis à EaD seguem as elencadas a seguir: "este não é o momento propício porque a saúde mental das pessoas está abalada"; "há problemas de metodologia usada pelos docentes"; "falta mediação, aula transmissional"; "ruim porque não é a mesma coisa que o ensino presencial", "estou mais preocupada com a sobrevivência", "o ensino a distância é uma modalidade desconhecida"; "o meu curso têm disciplinas práticas e não vejo como cursar estas disciplinas na modalidade a distância"; "os professores são despreparados tecnologicamente"; "considerando o contexto socioeconômico do país, o ensino a distância online tende a precarizar a aprendizagem das camadas mais pobres da população. O desigual acesso a recursos para participar de atividades online, por parte dos alunos, afetaria o rendimento destes. Seria essencial que não nos desligássemos das atividades acadêmicas, mas a realidade impõe barreiras. Caso haja, esperamos que sejam bem planejadas e que inclua a todos".

Declararam ainda a falta de hábito, dificuldade na aprendizagem, falta de domínio por parte dos professores e também dos alunos(as), não obstante muitos deles serem nativos digitais, ou seja, nascidos na última década do século passado, difícil adaptação etc.

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

Quanto às sugestões de metodologias didático-pedagógicas a serem praticadas na Educação online os alunos se pronunciaram sobre: a "importância da ludicidade, de aulas criativas e não transmissionais"; "discussão teórica levando em conta que todo o trabalho não se desenvolve no consenso"; tornando-se necessária a "utilização de textos teóricos que tratam do uso de plataformas digitais no processo de formação inicial"; a necessidade de "valorização das vozes dos envolvidos [...]"; "como a tecnologia pode estabelecer uma relação não só técnica, mas também humana".

E do ponto de vista organizacional, os estudantes apontam para a utilização de plataformas digitais "com estrutura flexível" e um processo de ensino e de aprendizagem "não separado das realizações sociais", levando em conta "a mescla entre o presencial, o equidistante e o remoto". Apontam a necessidade de o ensino remoto adquirir uma formatação híbrida, mesclando atividades síncronas com atividades assíncronas, de forma a favorecer a participação de todos.

No tocante à terceira categoria, **conflitos subjacentes à EaD durante a pandemia**, analisaremos a seguir, de forma aprofundada, as contradições que emergem a partir da fala dos sujeitos da pesquisa, que apontam conflitos, a exemplo de conflitos estruturais, conjunturais, pedagógico-didáticos, emocionais e psíquicos diante de uma possível modificação da modalidade de ensino praticada, a presencial para a modalidade de EaD, imposta pelo isolamento social, que confronta professores(as) e alunos(as) diante de uma nova realidade, para a qual, não houve preparo e formação adequados.

Discussão dos resultados

Nas primeiras leituras sobre os dados coletados, pudemos verificar que a maioria dos alunos se reportaram favoravelmente à EaD. Porém, ainda que tenham se declarado favoráveis à educação online, salientaram algumas dificuldades: "é importante, mas sem cobrar avaliação"; "tem que ser entre todas as disciplinas"; "importante mas não pode ser improvisada". Isso nos remete ao problema do planejamento de ensino entre os docentes. Alunos se queixam de aulas improvisadas com falta de planejamento, de estratégias previamente elaboradas e repetições constantes, inclusive entre disciplinas que adotam conteúdos e até mesmo livros comuns entre si. Do ponto de vista da educação online, a inexistência de um planejamento prévio criterioso complica ainda mais. Faz-se

necessário um planejamento estratégico, rico em metodologias de ensino variadas e que motivem a participação.

Os dados também revelaram algumas posições dos(as) alunos(as) face ao emprego dessa modalidade de ensino, tais como: *mudança de padrão de aula, falta de hábito, o não gostar de aula robotizadas*. Além dessas posições, encontramos ainda argumentos mais específicos para sua rejeição, como por exemplo:

[... *prefiro aulas presenciais em que posso interagir diretamente com o professor e com os alunos*]

[... *interatividade na aula presencial já é difícil de ser implementada, imagino que a dificuldade seja maior em ambiente virtual*]

[*É difícil prender a atenção do aluno.*]

[... *não é algo que eu esteja habituado e acredito que a maioria também não.*]

A partir destes fragmentos, problematizando o ensino à distância, pudemos observar o surgimento de um campo discursivo, entendendo como tal as relações de poder, de resistência, de identificação, de subjetivação e de produção de ideologias nele inseridos. Tais discursos apontam para as dificuldades de implementação da EaD tendo como parâmetro a representação que se tem do que seja aula – a aula presencial.

É interessante, nesse momento, tomar como análise dessas vozes o conceito de representação. Jodelet (1997), quando trata da representação, aponta como sendo uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, tendo um objetivo prático, e concorre na construção de uma realidade comum a um conjunto social.

Na perspectiva da representação social, faz sentido notar que os discursos oscilam dentro do binômio preservação/mudança. O primeiro, mais forte e mais cristalizado, vincula-se a uma consciência de homem e de mundo ainda muito amalgamado por um conjunto de significados e de práticas oriundos dos paradigmas conservadores de educação, demonstrando valores e percepções que foram se consolidando na prática pedagógica.

Barroso (2004) aludia para essa questão quando apontava para as dificuldades frente à mudança de paradigma em que a escola opera. Para o autor, existe uma representação muito cristalizada do que seja a realidade escolar, que ele denomina de gramática escolar:

Alunos agrupados em classes graduadas, professores atuantes individualmente, perfis diferenciados de professores (generalistas e especialistas), pedagogia centrada em sala de aula, horários rígidos, saberes organizados por disciplinas escolares, são posturas organizacionais que vem mantendo, há séculos, o

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

paradigma educacional vigente, tanto nos setores de formação de professores quanto na aplicação de atividades didáticas (BARROSO, 2004, p.52).

Tal configuração se reproduz frequentemente no ensino presencial e os estudantes estão atentos quando se reportam ao despreparo tecnológico e metodológico de muitos professores na universidade. Observemos que um número significativo deles atesta entre os professores problemas de mediação didática com "metodologias pouco condizentes"; "ensino transmissional"; "pouco interativo"; "dificuldades dos professores com as tecnologias", alguns citaram a "falta de domínio e despreparo tecnológico".

O segundo termo do binômio, a mudança, age como uma disfunção do consenso harmonioso, gerando, dessa forma, uma situação de negação, ancorando as justificativas, em alguns momentos, nos problemas causados pela situação de isolamento motivado pela pandemia do COVID-19. As informações a seguir demonstram essas dificuldades.

[Acho que é delicado ... estamos passando por dificuldades emocionais e econômicas por causa da pandemia.]

[...não vejo possibilidades, estamos vivendo em reclusão, hora de se preocupar com os percalços enfrentados.]

[O momento é de se preocupar com nossos familiares e vizinhos, tentar dar apoio a quem está longe.]

[O ensino a distância nesse momento pode colaborar bastante ...Contudo, é um pouco complicado para ser implantado, uma vez que nem todos têm os equipamentos adequados e disponibilidade para realizar aulas EaD.]

[Acho necessário, já que a produção de material acadêmico depende do fator aulas, tal como as orientações, de forma que é de substancial importância a não interrupção do processo de ensino-aprendizagem e produção acadêmica.]

[Acho importante. É ótimo para o curso não atrasar. Porém, há pessoas que não têm acesso à internet e estão impossibilitadas de realizar atividades à distância...]

[O ensino a distância online nos momentos em que estamos vivendo é bastante importante para não ficarmos sem nenhum contato com o nosso curso ...]

[Importante para não atrasar o curso ...]

[Acho que pode ser um recurso positivo diante da pandemia e da reclusão, mas acredito que existam vários fatores que podem

prejudicar a facilitação do processo. Acesso à internet é um deles, mas também, as condições de fragilidade mental que estamos envolvidos.]

[Importante, ... mas não crucial, levando em consideração acesso à internet e equipamentos adequados que nem todos discentes têm acesso...]

[Bem, vejo com positividade, porém, para mim particularmente, tenho dificuldades no que diz respeito a acesso à internet. Tenho nas lan house e nos computadores da faculdade.]

[Importante. Porém, é cabível avaliar as condições de acesso à rede/plataformas digitais do corpo discente como um todo.]

O resultado da combinação entre preservação e mudança gera o que os especialistas em resolução de problemas complexos denominam de campo conflitivo. Para eles, o conflito, em primeira instância, sempre é considerado como elemento de não cooperação ao invés de ser uma referência construtiva na realização de mudanças.

Tomar a categoria conflito no processo de análise, é considerar a complexidade do contexto cultural contemporâneo no qual percebemos o surgimento de novas práticas e novas formas de agir na profissão. E os alunos evidenciam *conflitos*, mediante suas falas:

a) conflitos estruturais: conflitos entre a sociedade contemporânea e a ação universitária, o descompasso entre a realidade de formação universitária e o contexto de ação dos indivíduos na sociedade;

b) conflitos conjunturais: compartimentalização e complexidade do conhecimento; processo de transformação de aula presencial em aulas remotas;

c) conflitos pedagógico-didáticos: trabalho intelectual depositado tão somente no professor; metodologias centradas no professor; modelo conteudista transmissional.

c) conflitos emocionais: sentimentos perturbadores que atravessam as discussões, a incerteza, perda do papel centralizador do professor, perda da identidade tanto do aluno como do professor, a negação da crise;

d) conflitos psíquicos: a exemplo de alunos(as) que possuem transtorno de ansiedade, depressão, bipolaridade e outros, cujos sintomas são agravados em virtude da pandemia. Entretanto, a presença de uma rotina de estudos, em uma possível modalidade remota, bem como, no seu ponto extremo, a ausência de tal rotina, podem acirrar tais sintomas, o que reflete uma ambiguidade, haja vista que os especialistas no assunto

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

apontam a necessidade de se manter minimamente uma rotina de atividades, praticadas antes do início do isolamento social.

Os sujeitos que defendem a EaD preocupam-se com o andamento do curso, o processo de aprendizagem e os atrasos inevitáveis caso alguma medida não seja tomada nessa direção:

[Acho de suma importância (o ensino a distância) para que não paremos com nossas práticas de aprendizado];

[Importante, pois não há previsão de retorno à aula (presencial)];

[É um momento especial para a aprendizagem sobre ferramentas digitais, e com toda essa revolução científica e tecnológica global ocorrendo em alta velocidade, é essencial para os profissionais de qualquer área ter um mínimo de conhecimento digital].

Nessa última fala, podemos inferir que o atual momento histórico convoca professores e estudantes a se debruçarem sobre as Tecnologias Digitais, da Informação e da Comunicação e sobre os fundamentos e práticas da Educação online.

Não obstante a existência EaD desde a criação das vídeo-aulas veiculadas pela televisão, a qual foi revolucionada pelo célere avanço tecnológico que colocou em cena a internet, as mídias digitais, bem como a mobilidade no seu uso via *smarthphones*, *notebooks* e *tablets* a partir do *wi-fi* e dados móveis, esta é uma modalidade de ensino ainda pouco conhecida por alunos e professores que fazem uso da modalidade de ensino presencial. Pela falta de conhecimento acerca do uso destas tecnologias, alunos e professores resistem em utilizá-la, sobretudo, pela insegurança que o desconhecido suscita. A formação de professores para saber operar com tais tecnologias também é outro ponto nevrálgico do problema, uma vez que há pouco ou quase nenhum investimento nessa prática imprescindível para que, mesmo em modalidades de ensino presenciais, o professor não se distancie do estudante que, a depender da idade, é nativo digital e transita muito bem por elas.

No âmbito dos processos conflituivos, a figura do mediador se torna importante na criação de condições para a resolução dos problemas e para a apropriação responsável de ações, soluções e conhecimentos. Na sensibilidade de escutarmos a opinião dos estudantes sobre a questão do ensino à distância, percebemos a figura desse mediador através das

manifestações que aludem para uma mediação entre as dificuldades com a EaD via plataformas digitais e a possibilidade de outras alternativas. Ressaltamos essa postura mediadora nas seguintes proposições:

[Sendo assim, prefiro que as atividades seja enviadas por e-mail aos invés de aulas on-line...]

[... inserção gradativa do meio tecnológico no ensino...]

[Quanto à EaD, deve ser implantada gradualmente...]

[...ensino remoto com envio de materiais como textos, filmes, documentários e atividades complementares.]

[O professor deve mediar o ensino a distância de forma planejada e deve ser flexível.]

A postura sensível de acolhimento às dificuldades dos alunos e de ressignificação do trabalho a distância, que vá além do ensino remoto temporal que reproduz o modelo presencial transmissional, é um importante ponto de reflexão didática.

Considerações finais

A pandemia do Covid19 nos coloca frente a uma nova realidade, nos impondo buscar práticas emergentes localizadas entre o existente e o possível e fazendo com que construamos novas possibilidades de interação. Essas novas possibilidades agem como mecanismos de ajuste aos processos metodológicos com vistas às demandas sociais, políticas e econômicas da sociedade em transformação, nesse caso, a interação em uma sociedade em isolamento. Consideramos importante destacar a perspectiva conflitiva dos estudantes em suas respostas. Muito embora, em termos quantitativos, verifique-se a favorabilidade em relação ao trabalho com a educação online, há que se ler nas entrelinhas, nos senões, aspectos que precisam ser incorporados em nossas visões e ressignificados em nossas práticas. O problema da pandemia não atinge apenas a saúde corporal, mas também a psique das pessoas que podem ter crises de ansiedade, pânico, toda sorte de sofrimento psíquico que leva ao adoecimento, não somente dos sujeitos que já possuíam transtornos psíquicos antes das medidas de isolamento social, bem como dos sujeitos afetados emocionalmente decorrente das questões materiais impostas (preocupação com a sobrevivência, desemprego crescente etc.). Temos que estar atentos a esta questão e sabermos trabalhar com sensibilidade e flexibilidade para aceitar e acolher os estudantes

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

nessas condições. Além disso, ante aos problemas aludidos referentes à mediação didática dos docentes, uso de metodologias pouco condizentes com a Educação online e acento numa perspectiva pouco interativa, e dificuldades tecnológicas de alguns docentes, sugere-se um trabalho de ressignificação didática. Assumimos a defesa do ensino híbrido (presencial e online com uso das tecnologias e plataformas digitais) e, na sua impossibilidade imediata no contexto pandêmico, a Educação online com uso variado de interfaces digitais síncronas e assíncronas. Assumimos também que, independente do contexto da educação, se presencial ou online, o mais importante é a mediação didática do(a) professor(a). A este profissional cabe a escolha de uma concepção pedagógica e didática que favoreça o pensar criativo, autônomo e desenvolvimento do senso crítico. Consideramos que um grande problema de ordem didático-pedagógico na EaD é conseguir a adesão dos(as) alunos(as). Para isso, sugerimos, no período do silenciamento pela pandemia, uma perspectiva lúdica e sensível de ensino. Para além das aulas em vídeo conferências, que os professores ousem mais, experimentem mais as metodologias interativas, ativas e criativas. Pensar num desenho didático que parta da sensibilização e problematização do conhecimento, visando uma maior autonomia intelectual do aluno. Necessário se faz a reinvenção de estratégias que ficam muito centradas sobre o professor e que o aluno seja um protagonista na construção do conhecimento.

Finalmente, acreditamos que uma mudança no processo ensino e aprendizagem, levando em conta as plataformas digitais, somente poderá ocorrer se alterarmos nossas práxis e, para tanto, é preciso ter ousadia de duvidar das crenças, dos valores, das naturalizações cristalizadas, acompanhadas de atitudes de desconstrução e de construção, pois o momento político/social clama por processos de reorganização mesmo que ainda provisórios.

Referências

BARROSO, João. Os professores e os novos modos de regulação da escola pública: das mudanças do contexto de trabalho às mudanças da formação. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de professores**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

JODELET, Denise. Lês représentations socialista. In: Pedra, José Alberto. **Currículo, conhecimento e suas representações**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Educação Online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. **Actas do X Congresso Internacional Galego – Português de Psicopedagogia**. Braga. Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t12/t12c427.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

SILVA, Marco Antônio da. Educação a distância (EaD) e educação online (EOL) nas reuniões do GT 16 da Anped (2000 – 2010). **Revista Teias**, [S.l.], v. 13, n.30, p. 24 pgs., dez.2012. ISSN 1982-0305. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24273>>. Acesso em: 11 de maio de 2020.

Notas

ⁱ Jornal G1 Globo.com. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/05/no-brasil-10-mais-ricos-ganham-cerca-de-176-vezes-mais-que-os-40-mais-pobres-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em : 15/08/2020

ⁱⁱ Desigualdade Social - Iniciativa Empresarial pela Igualdade Social. Disponível em: <https://www.iniciativaempresarial.com.br/desigualdade-global/>> Acesso em: 15/09/2020

ⁱⁱⁱ Disponível em <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/qualidade-de-provedores-de-internet-deixa-a-desejar-revela-pesquisa/>. Acesso em 02/06/2020

^{iv} SEAD/UFBA: Superintendência De Educação a Distância da Universidade Federal da Bahia. Relatório de pesquisa: "Condições para aprendizagem online dos estudantes de graduação da UFBA em tempos de COVID-19." Junho 2020.

Sobre os autores

Cristina D'Ávila

Pós-doutorado em Docência universitária pela Universidade Sorbonne Paris 5 (2015-2016). Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1998 – 2001). Professora Titular de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, desde 1992. É Vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. Pesquisadora e coordenadora do Grupo de Estudos sobre Educação, Didática e Ludicidade – GEPEL. Coordena o projeto de formação contínua de professores da UFBA - Ateliê didático. Presidente da Associação Nacional de Didática - ANDIPE e da Rede inter-regional de pesquisadores sobre docência no ensino superior - RIDES.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2584950986779890> ORCID: [0000-0001-5946-9178](https://orcid.org/0000-0001-5946-9178)

Email: cristdavila@gmail.com

Roberto Machado

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Porto Alegre de Educação Ciências e Letras (1979), Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e Doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Francês, Língua Estrangeira, Currículo, Licenciaturas e Educação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2203841304797703>

E-mail - robmach@terra.com.br

O olhar de estudantes de licenciatura da Universidade Federal da Bahia sobre EaD e ensino de Didática no contexto da pandemia pela COVID – 19

ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-2512-4627>

Daniela Radel

Pedagoga pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; Mestra e Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – Uneb. Psicopedagoga clínica e institucional pela Faculdade de Ciências Educacionais - FACE. Professora substituta de Didática do Departamento de Educação II da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Professora da graduação e da pós-graduação (Psicopedagogia Clínica e Institucional e Alfabetização e Letramento) da Faculdade Montessoriano – Ba Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9013469620543897> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7868-2553>
Email: daniela.radel@gmail.com

Recebido em: 14/11/2020

Aceito para publicação em: 10/12/2020